

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido



Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Turismo, cidades, colecionismo e museus

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** William Cleber Domingues Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T938 Turismo, cidades, colecionismo e museus / Organizador  
William Cleber Domingues Silva. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-942-4

DOI 10.22533/at.ed.424213103

1. Turismo. I. Silva, William Cleber Domingues  
(Organizador). II. Título.

CDD 338.4791

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus capítulos. O volume apresenta relevantes investigações científicas relacionadas ao tema proposto pelo livro.

O objetivo central foi apresentar de forma objetiva e atual estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, Portugal e Equador. Os trabalhos que compõem esse volume abordam possíveis relações existentes entre os temas que nortearam as contribuições dos autores: turismo, cidades, colecionismo e museus.

O surgimento e avanço da crise sanitária mundial provocada pela pandemia COVID 19 bem como seus impactos no setor de turismo, nas cidades e nos museus também despertaram relevantes reflexões dos autores.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de disseminar o conhecimento científico desenvolvido por profissionais de turismo e áreas afins atuantes em diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Desta forma destaca-se que o título “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra direcionada a profissionais e acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento humano. O livro apresenta em seus capítulos temas relevantes para os interessados em se atualizarem em assuntos debatidos pelas ciências sociais aplicadas.

Finalizando considera-se relevante registrar o importante papel desempenhado pela Atena Editora enquanto plataforma capaz de oferecer a pesquisadores e leitores um espaço adequado para apresentação, divulgação e publicação de pesquisas científicas no Brasil.

Desejamos a todos uma excelente viagem!

William Cleber Domingues Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

TURISMO E VIAGENS CULTURAIS *ON-LINE* EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE BASE ETNOGRÁFICA SOBRE O PROJETO VIAJAR DE CASA

Karla Estelita Godoy

**DOI 10.22533/at.ed.4242131031**

### **CAPÍTULO 2..... 23**

INCENTIVOS FINANCEIROS DESTINADOS AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Aracelis Gois Morales Rigoldi

Graziela Oeste Graziano Cremonesi

Valéria Rueda Elias Spers

Marli Terezinha Vieira

Angélica Gois Morales

**DOI 10.22533/at.ed.4242131032**

### **CAPÍTULO 3..... 38**

DESAFIOS DA POLÍTICA NACIONAL DE TURISMO: O IMPACTO DA LEI GERAL DO TURISMO NO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO

Giovanna Adriana Tavares Gomes

Elaine Gomes Borges da Silva

Jane Márcia do Nascimento Teixeira Scorzelli

**DOI 10.22533/at.ed.4242131033**

### **CAPÍTULO 4..... 55**

O TURISMO DE INTERESSES ESPECIAIS EM ESPAÇO RURAL: POSSIBILIDADES PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA PÓS-COVID-19

Carla Oliveira Brito

Janine Santos de Sousa

Sara Caroline Chagas dos Santos

Natalia Silva Coimbra de Sá

**DOI 10.22533/at.ed.4242131034**

### **CAPÍTULO 5..... 73**

A CIBERMUSEALIZAÇÃO: O OBJETO MUSEOLÓGICO EM DOIS MUSEUS VIRTUAIS BRASILEIROS

Rosali Henriques

Rafael Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.4242131035**

### **CAPÍTULO 6..... 84**

ANOTHER TOURISM IS POSSIBLE: THE SOCIAL AND SOLIDARITY ECONOMY COMMUNITY TOURISM IN AGUA BLANCA

Lucia Dolores Loor Bravo

**DOI 10.22533/at.ed.4242131036**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
O MARKETING TURÍSTICO DA EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO (EMBRATUR) E A CONCEPÇÃO DE “MULHER BRASILEIRA” EM TERRAS ESTRANGEIRAS COMO MULATAS	
Crislaine Custódia Rosa Kerley dos Santos Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>109</b>
QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS: PARA UMA COMPREENSÃO DO TURISTA HÍBRIDO	
Helio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>123</b>
WALKING TOUR COMO FERRAMENTA DE POTENCIALIZAÇÃO DA VISITAÇÃO EM DESTINOS TURÍSTICOS PÓS PANDEMIA	
Carla Nou Levita Jaime José da Silveira Barros Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>135</b>
A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE FACE A NOVA COEXISTÊNCIA CULTURAL NO TERRITÓRIO EUROPEU CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O FAZER TURISMO	
Eduardo Taborda de Jesus Flavia de Brito Panazzolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>152</b>
RESORTS BRASILEIROS: DESCRIÇÃO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2016 E 2017, ATRAVÉS DA TAXA DE OCUPAÇÃO, RECEITA MÉDIA E TREVPAR GERAIS E SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO	
Antonio Carlos Bonfato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>177</b>
CARTOGRAFIA DO TURISMO: ÓTICA GEOTURÍSTICA E GESTORA DO MUNICÍPIO DE BELÉM – PARÁ	
Lucas Daniel Noronha Ferreira Mozart dos Santos Silva Erick Peuriclepes Rodrigues da Silva Dickson Weverton Sobral de Souza Arthur Jeronimo Santana Aragão Mayara Cobacho Ortega Caldeira Carlos Rodrigo Tanajura Caldeira Anna Júlia Souza Dias Wallace Douglas da Cruz Santos Marcos Gabriel Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310312</b>	



<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>190</b>
A FERRAMENTA DE ANÁLISE DE DADOS <i>BIG DATA</i> , SEUS USOS NO TURISMO E UMA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE SEU USO EM FOZ DO IGUAÇU	
Alfredo Brito Aguiar Andressa Szekut	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310313</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>211</b>
ACESSIBILIDADE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO TEATRO AMAZONAS - IMPLICAÇÕES PARA O TURISMO	
Marklea da Cunha Ferst Helen Rita Menezes Coutinho Lucia Claudia Barbosa Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310314</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>230</b>
ANÁLISE DA GOVERNANÇA EM UMA EXPERIÊNCIA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: APLICAÇÃO DO MODELO MAG DO TBC À ADESCO	
João Gabriel Barrêto Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310315</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>247</b>
TURISMO, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESSO E SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA DE FENÔMENO SITUADO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>263</b>
COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA - PERSPECTIVA DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DA SUSTENTABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE PÉ NA TERRA DE BRASÍLIA	
Juzânia Oliveira da Silva Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>278</b>
DIAGNÓSTICO DO TURISMO NO DISTRITO DE ITAIACOCA, PONTA GROSSA-PR: ESTUDO TEÓRICO PRELIMINAR PARA O PLANEJAMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL LOCAL	
Luiz Fernando de Souza Natali Calderari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310318</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>288</b>
TURISMO DE COMPRAS NA FRONTEIRA JAGUARÃO-RS/BRASIL E RIO BRANCO/URUGUAI: UMA REFLEXÃO SOBRE IMPACTOS DA COVID-19 NA ECONOMIA	
Caio Lucas Rossi Angela Mara Bento Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310319</b>	

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>298</b>
VIAGENS E TURISMO: EMÍLIA SNETHLAGE E HELOISA ALBERTO TORRES AS CIENTISTAS E VIAJANTES DA AMAZÔNIA DO SÉCULO XX	
Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.42421310320	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>319</b>
O CONCRETO PENSADO: ALGUMAS CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO FENÔMENO TURISMO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.42421310321	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>329</b>
DESVENDANDO EMOÇÕES NO MUSEU GRUPPELLI: BREVES APONTAMENTOS CONCEITUAIS	
José Paulo Siefert Brahm	
Juliane Conceição Primon Serres	
Diego Lemos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.42421310322	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>344</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>345</b>

# CAPÍTULO 16

## TURISMO, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESSO E SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA DE FENÔMENO SITUADO

Data de aceite: 22/03/2021

Data de submissão: 03/02/2021

### Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC  
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas  
- DFCH  
Ilhéus - Bahia

Link para o Currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4709733J4>

**RESUMO:** Conceituamos turismo como um fenômeno social que se realiza com o deslocamento em viagem de turistas a lugares, expressão da era industrial capitalista moderna que envolve a oferta de serviços econômicos de hospitalidade, cuja racionalidade impacta dimensões espaciais, ambientais, socioculturais, morais e (geo)políticas de países e comunidades hospedeiras. Problematizar o turismo como fator de progresso é o nosso objeto de estudos. A região de Corumbau no sul da Bahia, possui um lugar de pescadores artesanais que, do tupi, significa “final do mundo, começo da terra”, simbolismo à ponta de areia que adentra ao oceano e que só é visível na maré baixa, daí o nome Ponta do Corumbau. Os objetivos da pesquisa foram identificar e analisar unidades de significados de narrativas de moradores sobre a ideia de progresso e sua relação com turismo. Observações e entrevistas foram os procedimentos utilizados. O objeto da investigação não é o acontecimento em si, mas a natureza subordinada à maneira humana de pôr

o problema. A primeira unidade de significados é a identidade dos atores sociais com a natureza. A segunda refere-se ao histórico da ação comunitária, presença do Estado e de ONGs. A terceira diz respeito à precária qualidade de vida. A tendência da perda do espaço é a principal preocupação quanto à desagregação comunitária, em que pese a unanimidade dos entrevistados quanto ao fenômeno turismo como portador de benefícios. Há contra tendências em favor sustentabilidade. Progresso em que a atividade extrativista sazonal é simbiótica com a do fenômeno turismo.

**PALAVRAS - CHAVE:** Turismo, Corumbau, Progresso, Fenomenologia, Sustentabilidade.

### TOURISM, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESS AND SUSTAINABILITY: A SITUATED PHENOMENON SURVEY

**ABSTRACT:** We conceive tourism as a social phenomenon that takes place with the travel of tourists to places, expression of the modern capitalist industrial era that involves the offer of economic services of hospitality, whose rationality impacts spatial, environmental, socio-cultural dimensions, moral and (geo)political of countries and host communities. To problematize tourism as a factor of progress is our object of study. The region of Corumbau, in Bahia, Brazil, has a place of artisanal fishermen that, from the Tupi, means “end of the world, beginning of the land,” a symbolism to the point of sand that enters the ocean and is only visible at low tide, hence the name Ponta do Corumbau. The objectives of the research were to identify and analyze units of /meaning of resident narratives on the idea

of progress and its relationship with tourism. Observations and interviews with traditional residents were the procedures used. The object of the investigation is not the event itself, but the nature subordinated to the human way of putting the problem. The first unit of meanings is the identity of the social actors with nature. The second refers to the history of community action, and the presence of the State and NGOs. The third concerns the bad quality of life. The trend of loss of space is the main concern regarding community disintegration. There are factors against tendencies and for the sustainability of the place. Progress where the seasonal extractive activity is symbiotic with the phenomenon of tourism.

**KEYWORDS:** Tourism, Corumbau, Progress, Phenomenology, Sustainability.

## 1 | INTRODUÇÃO

Conceituamos turismo como um fenômeno social que se realiza com o deslocamento em viagem de turistas a lugares, expressão da era industrial capitalista moderna que envolve a oferta de serviços econômicos de hospitalidade, cuja racionalidade impacta dimensões espaciais, ambientais, socioculturais, morais e (geo)políticas de países e comunidades hospedeiras.

A região de Corumbau, em pataxó, Umitiurru, ou “nossa área do sul”, em Prado, Bahia, possui um lugar de pescadores artesanais que, traduzindo do tupi, significa “final do mundo, começo da terra”, simbolismo à ponta de areia que adentra ao oceano e que só é visível na maré baixa, daí o nome Ponta do Corumbau. O rio Corumbau o separa do Parque Nacional do Monte Pascoal Pataxó. A comunidade, de cerca de 600 moradores permanentes, em sua maioria caboclos e índios, em seu histórico de ação comunitária criou e passou a sediar a segunda Reserva Extrativista Marinha (2000) do Brasil, além de contar, em proximidades, com Reservas Particulares do Patrimônio Natural, e, em cercanias, com o Parque Nacional do Descobrimento.

Problematizar o turismo enquanto fator de progresso é a nossa questão do conhecimento, o nosso objeto de estudos da investigação fenomenológica, que foi precedida de incursões exploratórias no dia do Natal de 2002 e durante a segunda semana de janeiro de 2003.

Os objetivos da pesquisa de fenômeno situado em Ponta do Corumbau, do início de dezembro de 2003 ao final de janeiro de 2004, foram identificar e analisar unidades de significados de narrativas de moradores tradicionais sobre a ideia de progresso e sua relação com turismo.

Progresso como significando melhoria da qualidade de vida, consciente e sustentável, em que a atividade extrativista sazonal é simbiótica com a do fenômeno turismo, constituiu-se na nossa reflexão das reflexões, na nossa meta-compreensão fenomenológica.

## 2 | REVISÃO DE LITERATURA

Um movimento fenomenológico em busca da essência das relações sociais que se estabelecem entre o turismo e um lugar de identidade singular é a nossa abordagem teórica-metodológica. Esse referencial se faz necessário para buscar as dimensões do fenômeno turismo a partir do viés de um pesquisador considerado como sujeito situado na pesquisa. Deve-se manter como significado da expressão “fenômeno” o que se revela, o que se mostra em si mesmo (HEIDEGGER, 1997).

A fenomenologia apresenta um percurso para a compreensão dos sentidos produzidos pela realidade e na forma como essa se estabelece e se manifesta aos olhos do pesquisador, plena de significados. A preocupação com esse enfoque foi uma constante no percurso da investigação que realizamos. Na perspectiva fenomenológica, pesquisar é “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões” (FINI, 1994, p. 24). Nossa indagação fundamental: o que é progresso? Esse foi o fio condutor de nossa investigação sobre o fenômeno turismo para interpretar até que ponto pode vir a ser fator de sustentabilidade, um turismo sustentável.

A reflexão sobre nosso mundo-vida, isto é, nosso mundo pré-reflexivo em que se dá nossa existência, de onde surgem as inquietações, base do exercício da dúvida metódica, é fundamental para explicitar as raízes existenciais dos contornos do olhar do pesquisador.

Referenciamos nossa vivência na então pequena e relativamente isolada comunidade de Trancoso, município de Porto Seguro, sul da Bahia, durante o janeiro de 1981, em que o único acesso era pela praia, na maré baixa, não havendo energia elétrica. Seus moradores eram pescadores extrativistas, descendentes dos pataxós da Aldeia de Barra Velha, cerca de 70 km ao sul. Foi o momento privilegiado para a análise do caráter das relações sociais da sociedade envolvente com as de um ambiente comunitário, tradicional, que experimentava a chegada do outro, os de fora, os turistas, inicialmente mochileiros, alternativos. Mas, em breve, do turismo de massa e seus consequentes impactos dos quais fomos sempre observadores.

Seria esse o preço a se pagar pelo turismo, pelo “progresso”, a necessária desagregação de uma comunidade tradicional?

Na pesquisa em Ponta do Corumbau, realizada para fins de doutoramento (GAMA, 2020), compreendemos que deveríamos interrogar o próprio fenômeno: “não basta vivê-lo, pois, na imersão, a amplitude da visão se restringe. A compreensão exige transcender [...] e espreitar as diferentes possibilidades através da visão e do sentir do outro” (MACHADO, 1994, p. 35).

A trajetória de pesquisa desenvolveu-se com o objetivo de buscar a essência ou estrutura do fenômeno que deve mostrar-se nas descrições e/ou narrativas dos sujeitos, do seu mundo real vivido, pois, na perspectiva de Husserl (1986), não existem fatos ou acontecimentos em si, como realidades objetivas exteriores ao sujeito que as vivenciam.



“A fenomenologia é alternativa para o estudo do turismo. Por meio dela, o turismo pode obter caráter diferente do qual hoje possui e receber um sentido humano” (MOLINA, 1991, p. 76), pois “trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sentido para o sujeito [...] como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo” (BICUDO, 2000, p. 74).

A perspectiva fenomenológica veio ao encontro da necessidade de se buscar um enfoque adequado a uma investigação sobre o turismo em uma comunidade tradicional. Sendo o turismo um fenômeno multifacetado, como as motivações de turistas e as inquietações que orientam o pesquisador, percebemos que poderíamos desenvolver uma abordagem investigativa com base nos pressupostos da fenomenologia referidos.

Em nossa trajetória fizemos uma tentativa de deixar de lado tudo o que já conhecíamos a respeito do fenômeno a ser interrogado, realizando um *époché* - redução de toda e qualquer teoria, crença, explicação *a priori* - que consiste no movimento de colocar o fenômeno analisado em suspensão ou evidência. Para a fenomenologia é tudo aquilo que pode ser intuído, analisado e apropriado pela consciência, “é o método universal pelo qual eu me aprendo como eu puro [...] a redução é, já por ela mesma, enquanto expressão da liberdade do eu puro, a revelação do caráter contingente do mundo” (LYOTARD, 1967, p. 9). “O que Husserl chama ‘redução eidética’ não se obtém, pois, através de manipulações, mas de um esforço de pensamento que se exerce sobre o fenômeno cujo sentido se busca” (DARTIGUES, 2003, p. 30). “Seria o colocar em suspense [...] as afirmações da atitude natural, na busca de melhor compreendê-las” (MERLEAU-PONTY, 1971, p.51).

Já houve quem se propôs a adaptar a metodologia de base fenomenológica ao turismo (CENTENO, 1992). “Husserl [...] fez avanços em suas pesquisas, sempre reajustando e reconstruindo conceitos [...]. A fenomenologia que aplicaremos é a pura ou transcendental, que é a ciência de essências (eidética) e não de dados de fato” (PANOSSO NETTO, 2005. p. 115). Este foi o enfoque que adotamos em nossa investigação.

Assim como há fenomenologias e fenomenologias, há dialéticas e dialéticas, e os princípios da fenomenologia de Husserl (1986) não são incompatíveis com os da dialética de Kosik (1976). Percebemos, como sujeito situado na pesquisa, que poderíamos desenvolver uma abordagem investigativa com base nos pressupostos teórico-metodológicos referidos. Despontava-nos a possibilidade da essência do fenômeno revelar-se, doar-se a nós como dotado de uma essência, um sentido, mas, também, compreendido em sua relação com a dimensão de totalidade em que se manifesta e se compreende, vivenciando e interpretando o vivido, interagindo e relacionando-se com os sujeitos da pesquisa no lugar que lhes confere identidade e sobre o qual o nosso objeto de estudos foi construído, indo, portanto, muito mais profundamente que a aparência, meramente positiva, do fenômeno colocado em suspensão. A busca da essência, para a fenomenologia de Husserl (1986), ainda que por outro caminho, tem o mesmo sentido da dialética de Kosik (1976) que busca a dimensão da totalidade em que o fenômeno se insere, definindo a dialética como sendo o

próprio processo do pensamento.

### 3 | METODOLOGIA

Com uma observação atenta e aproximação cautelosa, entrevistamos, em dois meses contínuos e convivendo no lugar, quatorze moradores tradicionais, de diferentes faixas etárias, com o uso de um gravador, com durações diversas, em residências ou na praia. Temos clareza que na escolha do número de sujeitos de uma pesquisa fenomenológica não cabem critérios tradicionais de representatividade, uma vez que o sujeito só o representa e não se está procurando certezas pela quantidade de diferentes significados, e sim a qualidade diferenciada das percepções dos sujeitos sobre suas experiências. As entrevistas foram livres, não contiveram um roteiro de perguntas pré-elaborado, uma vez que a fenomenologia não faz uso de hipóteses prévias, apenas da intuição para estimular a narrativa dos entrevistados em busca do sentido que conferem à inquietação que motiva o pesquisador: o que é progresso?

No registro dos depoimentos foram mantidas as linguagens enquanto significativos atributos socioculturais dos entrevistados.

### 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levantando bem cedinho, sentando à beira da praia,

Ainda sentido a brisa da madrugada,

Representando a hóstia consagrada,

Lá vão os bravos canoieiros velejando para mais um dia de jornada,

À noite vem a lua com seu brilho magnífico e a sua luz prateada,

O rio soa [...] e o mar com sua suave zoadá,

O peixe está em contato com a natureza nesta praia por Deus abençoada.  
(Honorato, 49 anos, pescador e poeta)

A primeira unidade de significado das narrativas dos atores sociais é a identidade com a natureza. O cenário de Ponta do Corumbau é fator de autoestima, possuindo alto valor simbólico para os moradores. Raimundo, 43 anos, pescador, resume o sentimento acolhedor do nativo diante do turista:

O turismo aqui, pra comunidade, é uma diversão, um divertimento. Chega

pessoas de fora, inclusive todo o pessoal que chega de fora eles têm um prazer muito grande porque a gente temos muito tempo, não só eu como todo mundo aqui, pra conversar, explicar para o turismo como é, como já foi, e você sabe disso: quem vem de longe e nunca veio aqui, vê bonito mas quer saber se realmente era assim, bonito ou não. E todo mundo, os nativos daqui, tem um prazer muito grande de conversar com estas pessoas [...]. O pessoal se sente feliz porque ele mora em um lugar valorizado.

**Ocorre uma convergência de significados acerca do processo de ocupação, percebendo-se uma contradição tempo presente e passado.**

Corumbau era um lugar bom e continua sendo, mas era um lugar mais difícil, a gente não tinha acesso a nada, mesmo de ir à cidade; era aqui, escondido, que a gente dava o nosso recado, negociava, tudo aqui, na roça [...] isso aqui era uma comunidade isolada por terra. Foi com a construção da estrada que começou uma expansão. A gente morava do outro lado do rio, com as casas espaçadas, cada um na sua propriedade. Foi na época que veio a desapropriação do Parque Nacional, a Reserva Florestal do Monte Pascoal. (Raimundo)

A vida era uma vida tranquila também porque não tinha vários movimentos, mas também não tinha lá essas condições de sobreviver porque não tinha gente, não corria dinheiro. Tinha tudo com facilidade, o combustível [alimentação] era farto, mas não corria dinheiro. Era difícil arrumar um remédio, transporte. A vida melhorou numa certa parte, na outra parte piorou [...] O lado positivo das coisas é que hoje nós temos estrada, antes tinha que andar 12 léguas a pé para comprar um remédio, a não ser que a gente fosse mexer na floresta, tirar remédio da floresta. E a partir daí hoje temos estrada, um ônibus que sai às 6 e retorna às 6 [da tarde], então tudo já facilitou mais nessa outra parte. (Honorato)

Aqui era uma vila de pescadores. Todos os pescadores faziam a sua pesca artesanal, de canoa, era uma vida boa e ao mesmo tempo difícil. Porque não tinha meio de transporte nenhum, as mercadorias que nós comprávamos aqui era tudo de outros lugares, com dificuldade para chegar aqui em Corumbau. A impressão que eu tinha era que a vida até não era tão boa, de pegar os peixes também, a gente salgava todos, a gente pescava em canoa, não tinha barco. Existia muita fartura, muita fartura mesmo, aqui, rede de arrasto, rede de malhar, de linha. A população era menos, começando aqui com uma base de 5 famílias, nesta vila. Isto está com base nuns 25 anos, por aí. E aí o pessoal foi chegando pra cá, foi descobrindo. [O que fez a vida aqui mudar, começasse a vir mais gente? Foi a estrada?] Foi a estrada e também pela fartura que existia aqui dentro, de peixe, de pescado e bela beleza do lugar, pela tranquilidade que a gente vivia há 25 anos atrás, 30 anos, aquela vida mais tranquila. Não tinha, como eu tô falando, não era bom para sobreviver assim porque tinha mais dificuldade, mas tinha mais tranquilidade, paz, não existia violência, o pessoal se entendia um com o outro, respeito um com o outro. E a população foi crescendo e o pessoal começando a se dividir, se desunir. (Milton)

A questão espacial e imobiliária envolvida no desenvolvimento do turismo e crescimento populacional da vila de Ponta do Corumbau é um fator estruturante nos depoimentos de todos os atores entrevistados. Ponta do Corumbau não tem para onde crescer. Do seu lado litorâneo norte tem-se o rio Corumbau, divisa com o Parque Nacional do Monte Pascoal Pataxó; o mar, à frente, ao leste; um mangue atrás da vila, à oeste; ao sul, por uma estrada de terra rente ao mar e que dá o único acesso rodoviário à vila, e circunvizinhas a ela, algumas grandes propriedades privadas de empreendedores turísticos.

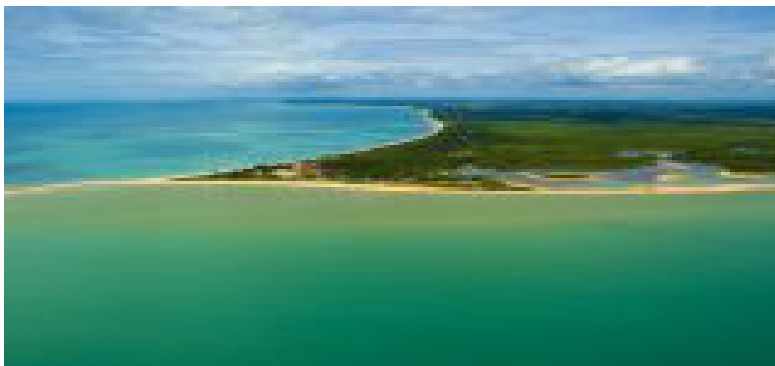


Foto 1: Ponta do Corumbau, referência à faixa de areia branca que adentra o oceano e que é percebida apenas na maré baixa. A vila fica referenciada a ela, entre o rio e o mar, e um mangue, ao fundo.

Bahiatursa (2018)

Nós vivemos daqui, do lugar, então o povo de fora vem tirar nossos ganhos daqui, os empresários de fora vem botar suas pousadas grandes aqui e acaba com o lugar [...] os nativos hoje não tão mais na frente [...] vão ficando lá naqueles canto, chega um e fala: ah, aqui vale quanto? Dez mil reais. O dono do terreno acha que vale um bom dinheiro e que não vai acabar mais então vende, vai pro fundo. Aqui tá acontecendo isso [...] o pessoal acha que é muito dinheiro, ele não para pra pensar que com esse dinheiro não vai dar pra sobreviver, nem aqui nem em outro lugar. Pega aquele dinheiro, o cara toma posse do terreno e aí se tiver um outro lote ele vai construir no fundo e os home vão tomando conta do lugar. Aí vamos perdendo toda a tradição; os que compram ficam na frente, e os que vendem ficam no fundo. Daqui a pouco eles vão se aborrecendo, já não tão dando certo mais com o vizinho, com eles mesmo, vão apertando, apertando e depois torna a vender o fundo e aí eles vão embora. Então a dificuldade que tá mais existindo é essa, né, principalmente união. (Milton)

**Mas manifestam um apreço pelo turista de “qualidade”:**

Veja bem, o turismo aqui, em Corumbau, a gente vê que eles vêm, vêm bastante turista, e o turismo vem com um carinho muito grande por isto aqui,

porque é um lugar bonito, né? Apesar de ser difícil chegar aqui, condução e tudo mais, mas isto não é reclamação . . . O que a gente vê aqui, chega um pessoal, um turista de qualidade, um turista que ele traz um dinheiro ele gasta aqui na vila. Ele compra uma ostra do nativo, tem esses que já têm um restaurante, né, barraca na praia, ele gasta ali e esse próprio pessoal que já tem um restaurante, barraca na praia, eles também compra o peixe na mão do pescador. Então, de qualquer forma, circula um dinheiro na comunidade, né? Então, pra gente aqui, é uma grande coisa o turismo. (Raimundo)

### O turista é percebido como quem que traz o dinheiro que circula na vila:

O turismo traz benefícios. O turistas chegam aqui mas não ficam aqui porque ainda não tem uma estrutura adequada, tem poucas pousadas. Os que vem de barco, os que vem de carro, acampam aí nas castanheiras. Então, o que acontece, eles vêm e no único caminho eles têm vão tomar uma água mineral, já deixa um dinheirinho na barraca, no comércio, depois os índios vendem muito o artesanato e o pescador vende o peixe nas barracas mais bem vendido, nas pousadas que têm hóspede; e vende pros índio também que eles tá com o dinheiro da venda do artesanato. (Honorato)

Ah, o turismo traz coisa boa, né? O principal é dinheiro que eles trazem, né? Pra mim são pessoa muito boa, educada, né, que traz o dinheiro. E quando passa o verão mesmo o negócio fica difícil. Enquanto o turista frequenta as barracas, compra o artesanato nas mãos dos índios. A barraca já tem como comprar o peixe, um camarão, um siri, um caranguejo por um outro preço e todo mundo sai ganhando. (Ulisses, 61 anos, comerciante)

### No entanto, são também identificados malefícios:

Tem nego aí com 14 anos e não se importa de fumar droga. Se entrosa com eles, com o pessoal de fora. Aqui mesmo não tem. Eu conheço esses quintal todo aí e nunca vi. [Esse pessoal de fora são os turistas?] É. [O turismo traz benefício ou malefício para cá?] Uns traz benefício, vem gastar aqui, mas outros vem destruir. [Como assim?] Eles vêm, chega ali, some lá na boca da barra e lá vai fumar, cheirar [...] eu não aceito isso. (Zeca, pescador, 49 anos)

O turismo, a pessoa que faz o turismo, o turista mesmo não prejudica, ele só traz benefício pro lugar. A única coisa que prejudica aqui dentro é a pessoa que vem no lugar do turismo fazer coisa errada aqui dentro. Fumar, essas coisa, influenciar os jovens, isto não é o turista, é o que vem no lugar do turista. Mas o turista que é turista mesmo que só vem passear, conhecer, gastar um pouco com o povo do lugar, comprar uma coisa na mão do índio, comprar com o pescador [...] esse turista é o turista bom. (Milton)

Geraldo, 43 anos, comerciante, aponta um impacto ambiental: “na pesca submarina tá tendo algum problema aí, no mergulho, porque eles [os turistas] só podem ir mergulhar pra ver o peixe; então eles não podem matar. Mas, é só isso aí, outra coisa eles só trazem benefício pro lugar”.

Issara, 18 anos, da Equipe Ambiental de Ponta do Corumbau, evidencia em sua narrativa um significado crítico quanto ao turismo, interligando a questão do choque cultural



das drogas ilícitas com o processo paulatino de incorporação imobiliária pelos “de fora”. Indagada se o turismo traz alguma consequência negativa para a comunidade, ela foi enfática:

Traz, não bem consequência, mas traz sim. O turista vem, fumam drogas, e a maioria dos jovens tem a mente fraca, quer divertir, isso é uma consequência muito perigosa. [Além disso?] Tem muitos turistas que vem e querem aqui comprar, querem pra eles, a maioria. Os empresários fortes que têm aqui, por eles, ficariam tudo pra eles o que tem aqui. Isto é o que o turismo acaba trazendo. Mas eu estou otimista quanto ao futuro.

Esse otimismo tem relação com a segunda unidade de significados identificada nas narrativas dos sujeitos da pesquisa e refere-se à ação, comunitária, do Estado e de ONGs.

A curta história de Ponta do Corumbau é plena de significados ao nível da resistência e luta da comunidade diante de interesses externos.

Uns pouco tempo atrás nós tinha só uns barquinho, mas bem pouco. Tinha muita fartura, peixe à vontade, pescava todo dia, a hora que quisesse. Caranguejo, camarão tava aí sobrando, tinha muito camarão mesmo. Então começou a vir pessoas de fora, os empresários, com barco muito equipado, e começaram a infiltrar aqui dentro. Isso tá com uma base de uns 10 anos. Eles começaram a vir pra cá. Aí eles chegaram aqui, acampavam aqui dentro, ia pra barra, enchia de barco de fora aqui dentro, pescava aqui na área todinha, então eles veio com tudo, sempre dando tudo, uma pescaria desordenada. O povo daqui estava perdendo tudo que tinha, esse povo tava acabando com tudo, levando tudo e não deixando nada aqui dentro. Eles começaram a tomar conta da área. Se continuasse do jeito que estava aqui não dava para sobreviver mais. A depredação tava demais [...] então eles tavam gerando violência. Tomavam cachaça, viviam aí pelos butecos, falavam alto, falavam palavrões, mijavam na porta das pessoas e a gente daqui que era pouca, ficava até assombrada, mas não podiam fazer nada. Era muito homem, muita gente, então ninguém ia brigar com eles. Eles tavam tomando conta da vila. Tava todo mundo queixando e a gente: como é que vai fazer? (Milton, antigo presidente da Associação dos Pescadores de Ponta do Corumbau)

Os moradores procuraram ajuda da Fundação Nacional do Índio, da Capitania dos Portos de Porto Seguro, e, sem resultados, passaram a tratar com o Conselho Nacional de Populações Tradicionais do Ministério do Meio Ambiente, em Brasília. Após vários abaixo-assinados e manifestações em Prado e Porto Seguro, Milton conseguiu dar uma entrevista à Globo em rede nacional e ser recebido em entrevistas com o Ministro. Três anos depois do início do movimento social, no dia 21 de setembro de 2000, a segunda Reserva Extrativista (RESEX) Marinha do Brasil (a primeira foi sediada em Arraial do Cabo, RJ.) foi constituída por decreto presidencial, tendo Corumbau como sede. O dia é comemorado todos os anos no lugar como feriado, dados os benefícios auferidos para a comunidade.

Honorato afirma o papel fiscalizador do órgão ambiental do Estado:

A atuação do IBAMA é uma atuação normal. Por decreto-lei do presidente ela tem que permanecer dentro da RESEX dando assistência. Mas hoje, quando

a gente procura o servidor do IBAMA que é chefe da RESEX ele vai dar uns pulo nos barco fora da área aqui. A gente fala para o barco de fora: olha, aqui é uma área de conservação federal, uma RESEX, vai embora! Não, não vou não, porque eu posso pescar, eu tenho meu documento de pescador. Então a gente vai tomar as devidas providências. Aí, convoca o IBAMA, o IBAMA vem, faz a apreensão.

### **Entretanto há críticas ao IBAMA e a ações de ONGs ambientalistas:**

O IBAMA tem o papel dele, na fiscalização. Não tá adequada, a fiscalização não tá indo bem, mas o papel do IBAMA é a fiscalização. As ONGs vêm fazer pesquisa aqui dentro, fazer os estudos, vê se a produção tá aumentando, tá diminuindo, monitoramento da pesca [...] mas no momento as ONGs não fizeram nada aqui pra dentro da RESEX. Não entrou quase benefício nenhum. (Milton)

**A terceira unidade de significado diz respeito à ausência de infraestrutura para boa qualidade de vida, e, dialeticamente, a afirmação de consciência política e ecológica sobre o lugar que lhes confere identidade.**

Aqui em Corumbau o principal problema da comunidade é, hoje, uma energia. A energia, a água, é uma coisa principal. Porque a gente temos os pescadores que estão pescando agora aqui, se eles têm energia em casa, à tarde, quando eles chegam [...] A gente sente uma falta dela muito grande, em termos de armazenar o pescado, manter o peixe fresco para o próprio pescador se alimentar, nem tanto para comercializar mas para se alimentar, um camarão, um peixe; isso como tá tem que pegar e vender senão com certeza perde. Então, isso é o principal para a comunidade. [Como é feita hoje em dia essa questão da comercialização do pescado?] O camarão vem, vai para o defumador, daí ele é salgado e vai embora [para Salvador]. O peixe você põe no gelo, isso já é o atravessador; aí põe no carro e leva pra vender na cidade mais próxima. O pescador tem que vender pelo preço que tiver, tanto o camarão quanto o peixe. Se existisse energia seria possível [...] uma câmara frigorífica da Associação de Pescadores e isso aumentaria o poder de barganha do pescador. Inclusive, com energia e água, o Posto Médico que é a saúde do povo também. Tendo energia isso já pode ser encaminhado. (Raimundo)

**Perguntamos a Geraldo os motivos que dificultavam a chegada da energia elétrica à Ponta do Corumbau, uma vez que o local se encontra a apenas 8 km da rede elétrica:**

Olha, eu acho que é falta de interesse de empresários juntamente com a prefeitura, eu acho que falta um interesse muito grande aí desse povo aí que, até porque a data da eleição aí o prefeito falou que a primeira coisa que ele ia fazer por Corumbau seria colocar a energia, se ele fosse eleito. E ele prometeu isso para a comunidade. [Você acha que esses empresários não têm interesse em trazer a energia para cá por quê?] Hoje, não, mas teve tempo aí que eles queriam comprar Corumbau, eles queriam comprar. Inclusive tinha um projeto para Corumbau ser um condomínio fechado. [Tem quanto tempo que isto surgiu?] Isto surgiu tem um ano, mais ou menos. [Chegaram a fazer a proposta de compra?] Eles queriam comprar, mas aí, compraram alguns lotes aí, mas o pessoal não quis mais vender. Foi o tempo que chegou esta igreja

[aponta para a Igreja Evangélica Maranata] também, aí ficou mais difícil pra eles. Mas o interesse deles era esse.

O que faz muito mudar de lugar é a falta de energia, a falta de água, a falta de posto médico, a falta da escola, entendeu, pois hoje os filhos de alguns aqui estão morando na cidade, porque a escola aqui não tem mais um grau então eles foram pra cidade [...] E tudo que é vendido aqui eu não digo que vai viver uma vida de rico na cidade mas vai viver tranquilo. Os terrenos estão valorizados. Eu quero dizer pra você que aqui no Corumbau não tem preço. Não tem preço pelo seguinte: se olhou, gostou, o preço quem dá é o dono e o comprador. (Raimundo)

### **O turismo potencializa a renda dos pescadores e provoca contradições:**

O pessoal de fora começaram a construir pousadas, os nativos começaram a vender seus terrenos, a entregar a terra pra eles, e o movimento foi crescendo e então por esse motivo prejudicou bastante o pessoal tradicional do lugar, porque foram tomando espaço. [O turismo começou a chegar aqui quando?] O turismo com base de uns 8 anos quando ele começou a crescer o turismo aqui; aí eles descobriram que o lugar era bonito, que o pessoal tava preservando muito e eles começaram a chegar. Aí esse pessoal de fora, os empresários, começaram a criar o olho e foram construindo pousadas e aí já foi começando mais o povo a perder sua tradição, seus direitos, então o turismo nesse sentido prejudica um pouco. Porque o seguinte: antes a gente fazia o turismo nesses barquinho pequenos, de canoas, no rio, ganhando o seu dinheiro, vendendo alguma coisa mais bem vendida na beira da costa, os turistas procuravam mais o povo nativo, então a gente ganhava com isso. E agora não. Tem as pousadas e eles ficam lá, com seus pacotes, já fazem suas coisas por lá, diretamente nas pousadas. Então, os turistas não deixam nada com as famílias. Eles ficam lá, o que tem de beber eles bebem lá, o que tem de comer eles comem lá nas pousadas. Passeio de barco, as pousadas já tão tendo barco para poder fazer passeio, então com isso o povo tá vendendo. (Milton)

[os jovens] não conseguem ir pra cidade porque o seguinte: eles não têm uma estrutura adequada, não têm muito ensino, quando chega na 5<sup>a</sup> série ele para por aí, então não pode desenvolver um trabalho mais fora. Com o ensino que arruma um emprego melhor, hoje em dia, sabe como é que é, em todo lugar o que vale é o estudo. Tendo estudo ele adquire um emprego mais fácil; quem sabe mais pouco fica com o trabalho pesado. Então eles não vão sair daqui pra ir pra outro lugar porque não tem estudo suficiente. [E aí eles vão seguir a profissão do pai, de pescador, ou vão fazer outra coisa?] Aqui praticamente não temos como fazer outra coisa, a não ser a pesca. Se uma pessoa não pescar aqui aí não dá pra ele sobreviver aqui dentro. Não tem assim uma indústria pra ele trabalhar, então eles têm que seguir o mesmo ritual dos velhos. Ele vai crescendo, daqui a pouco ele vai comprar um barquinho aí ele vai pescando junto com o pai, e quando o pai para de pescar ele vai tomar conta no lugar do pai e vai vivendo a vida. Ninguém sai daqui, quase. (Raimundo)

### **Nota-se a percepção da baixa capacidade de suporte ecossistêmico:**

A estrada, não queremos asfalto, mas queremos uma estrada preservada. [Não querem asfalto por quê?] É porque o asfalto, no meu pensamento, o asfalto até aqui dentro vai gerar muita coisa, violência [...]. Queremos uma estrada mais ou menos, só para não ficar sem estrada; conservada, esta estrada, seria ótimo [...] O asfalto até aqui vai gerar muita violência, muita gente aqui, vai gerar besteira [...] Aí, pessoas vêm, bandidagem, pode ter gente ladrão, pessoas mau, o asfalto traz muita coisa, muita consequência. . . Melhor ter uma assistência médica aqui, um posto de saúde é necessário. O ensino de uma qualidade mais elevada; não tem a 5ª série aqui. (Milton)

Nós mesmos, que moramos aqui, não temos interesse no asfalto, e nunca vemos uma reclamação do turista que tem que ter asfalto para chegar aqui. Nós também não temos interesse no asfalto porque a cidade, o povoado aqui é muito pequeno, né, então o asfalto vindo pra qui no Corumbau [...] talvez eu tô falando por um pouco de pessoas, mas a minha visão é que o lugar não suporta, é muito pequeno, uma grande quantidade de pessoas. E realmente é um lugar muito bonito, muito bom, mas não tem o conforto de receber uma grande quantidade de pessoas, muita gente. (Raimundo)

**“Em reuniões que fizemos decidimos não colocar energia na rua pra não clarear as praias, pra não impedir as tartarugas. Foi esse o motivo. E todo mundo concordou em não ter lâmpadas nos postes” (Geraldo).**

**Ao mesmo tempo, o turismo sazonal tem potencial enquanto fator de sustentabilidade econômica e social da comunidade extrativista, por adequar-se aos ciclos ecológicos do ambiente marinho.**

[O turismo traz algum malefício?] Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum. A gente temos praticamente 2 meses com o turismo, no caso, e temos 10 meses de baixa temporada. O que sustenta o pessoal aqui na baixa temporada é a pescaria. Mas quando chega o verão a água clareia, né? Então no inverno precisa de grande quantidade de pescado. No verão, qualquer quantidade de pescado, pouco, você consegue ter um retorno do mesmo dinheiro que você tem com a quantidade de pescado. Porque o peixe encarece um pouco, né, a falta do peixe faz o pescador ganhar mais um pouco com isso. Pesca-se menos pela questão da água clara, mas vende-se o pescado a um preço maior. A água clareia e o peixe afugenta. Então o pescador conta com o melhor: ha, vai chegar o verão, vai chegar o verão, como os vendedores torce que se o verão fosse durar o ano todo ela sobrevivia melhor, tinha melhores condições financeiras. (Honorato)

### **Orientando a condução das entrevistas, a pergunta: o que é progresso?**

O que eu conheço que é progresso se trata de um desenvolvimento, vamos supor, Corumbau, que é um lugar que a gente moramos, tinha só casinhas de palha, não tinha estrada, então a gente já temos estrada, temos casa construída, e eu entendo que o progresso seria isso, o desenvolvimento, aquela coisa mudando pra melhor. (Raimundo)

Progresso dessas pessoas daqui é eles viverem em paz, é ter sua condiçõzinha de sobreviver com sua família, é ter um posto de saúde

daquele lado ali - oh, pô, eu tô com dor de barriga que eu não aguento mais, tô com febre, não tem como eu ir lá pra rua agora que o ônibus saiu - ali tem um atendimento, tem uma água adequada na sua própria casinha, pro cê tomar um banho, pra mulher lavar uma roupa, chega um amigo da gente de outro lugar e a gente tem como receber [...] Melhoria da qualidade de vida. (Honorato)

Progresso é desenvolvimento, é gerar emprego, ter mais renda pro povo. (Milton)

### Aos jovens: como você imagina Ponta do Corumbau daqui a 30 anos?

Se as pessoas se conscientizarem a não vender mais terra aqui, se descobrir que a melhor maneira de melhorar o Corumbau é todo mundo se unir e fazer com que ele cresça, não crescer em construir casa, tudo, crescer em conhecimentos e valor, aí eu acho que será muito melhor aqui no Corumbau. [Você acredita que isso vai acontecer?] É muito difícil, mas eu acredito. [Você é otimista?] É. (Maria José, 18)

Mais evoluído, já tendo energia, posto de saúde, escola, melhoria da estrada. [Você acha que ainda vai ter pescadores daqui a 30 anos?] Eu espero; têm muitos ainda, mas se continuar desse jeito vai ter menos, muito menos. Porque muitos vão querendo sair daqui e ir pra outro lugar em busca de melhorias, condições de vida pra eles. Então eles saem daqui vão pra Coroa Vermelha como muitos já foram e voltaram de novo, voltaram pra cá. Mas muitos ainda pensam em vender seus terrenos e em sair daqui. [Você acha que isso é a maioria? Será que daqui a 30 anos a maioria do pessoal saiu daqui?] Acho que sim. Se eles se conscientizar que aqui é o lugar deles, a gente consegue. Se não se conscientizar disso, a maioria vai embora, vende os terrenos, vai embora [...]. Eu quero encontrar a comunidade, mas eles precisam se conscientizar disso. (Issara, 18)

Eu acho que Corumbau vai melhorar, só não tem como crescer, mas vai melhorar. [Vai continuar tendo pescador?] É, se os pescadores não venderem tudo agora. Eu acho que as pessoas pensam que Corumbau não é bom, aí começa a vender, aí começa a chegar mais gente de fora. Agora parou um pouquinho, mas tem essa tendência. Meus pais são pescadores. (Jaqueline, 16)

Vai ter energia, uma estrada boa. [Estrada boa é estrada asfaltada?] Não, eu não quero que asfalte não. [Por quê?] Porque eu acho que vai aumentar a violência. [E os pescadores vão estar pescando ainda?] Vão, vão estar pescando ainda. [Você acha que há uma tendência do pescador ir abandonando a pesca para se tornar funcionário de pousada, por exemplo?] Não, eu gostaria que os nativos daqui fossem donos de pousada também, porque atualmente só os de fora é que têm pousadas. Em Cumuruxatiba e Caraíva têm nativos que são donos de pousadas e continua existindo pescador. (Poliana, 17)

Aqui o movimento vai crescer muito aqui. [Você acha que alguma coisa pode

evitar isso?] É a consciência dos moradores daqui mesmo, que começa a vender o terreno deles pra sair fora e aí vai vendendo e aí vai chegando o pessoal de fora, eles vão perdendo o direito deles [...] É isso que vai acontecer, mas se as pessoas tiverem mais consciência não faz isso, não faz esse tipo de coisa. (Bit, 23)

### Finalizando, aos mais velhos: o que você espera do futuro?

Eu espero que a gente continuar aqui, né, e a gente acabe de criar nossos filhos e aqui procurar outras pessoas, da RESEX, o prefeito, pessoas que se interessem de trazer mais alguma coisa pra qui e a gente ter uma vida melhor. (Geraldo)

Eu espero do futuro o seguinte: que isso aqui melhore de uma forma equilibrada, que o povo aqui ainda tenha condições de sobreviver aqui dentro, que nossos filhos ainda dá conta de viver aqui, trabalhar, criar a sua família. (Milton)

Bom, eu espero do futuro que esse pessoal tenha boa intenção de cada cabeça, da cada nativo, que eles segure seu lugarzinho e que não saia porque senão vai acabar se perdendo no meio do caminho e tem muita gente aqui que não sabe nem o que é viver lá em baixo quanto mais em cidade grande. Porque se ela vender ela vai ter que sair: porque eu só tenho essa casa aqui; se eu vendo, ah, meu amigo, tchau, eu vou ter que ir me embora, pra onde? Eu não vou pedir um lugar pros outros e ninguém vai me dar também um pedaço de terra. (Honorato)

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meta-compreensão é o que Husserl denomina *cógito*, *cogitatum*, ou seja, pensar o pensado. Não há conclusão na pesquisa de fenômeno situado, com sujeitos que vivenciam o fenômeno. Os pesquisadores fenomenológicos constroem seus resultados a partir da interpretação, o que significa transcendência, ou melhor, realizar uma reflexão sobre a própria reflexão. Assim, não se têm proposições de ordem universais, mas gerais. Trata-se de uma profunda reflexão sobre a estrutura do fenômeno.

Este é o momento da interpretação, que são as generalizações feitas a partir das convergências das unidades de significado que, entretanto, permanecem abertas à novas interpretações.

A primeira unidade de significados é a identidade dos atores sociais com a natureza, com o cenário de Ponta do Corumbau sendo fator de autoestima, possuindo alto valor simbólico para os moradores. A segunda refere-se ao histórico da ação comunitária, presença do Estado e de ONGs. A terceira diz respeito à qualidade de vida, como a ausência de energia elétrica, infraestrutura, rede d'água, posto médico e escola com ensino médio. Associada a essa percepção, uma consciência política e ecológica quanto à baixa capacidade de suporte ecossistêmico do lugar. A tendência da perda do espaço é

a principal preocupação quanto à desagregação comunitária, em que pese a unanimidade dos entrevistados quanto ao fenômeno turismo como portador de benefícios. A identidade étnica, o histórico da luta social, a consciência política e ecológica, são fatores de contra-tendências e pela sustentabilidade do lugar, cuja singularidade motiva a ocorrência de um turismo que se realiza entre ambientes ecológicos protegidos pelo Estado, por empreendedores particulares e sob a presença de organizações ambientalistas. Progresso como significando qualidade de vida, consciente e sustentável, em que a atividade extrativista sazonal é simbiótica com a do fenômeno turismo, é a nossa meta-compreensão, a nossa reflexão das reflexões.

Dialeticamente, alguns dias antes de nossa partida de Ponta do Corumbau, em fins de fevereiro de 2004, já corria a notícia de boca em boca que o novo governo federal iria implantar o Programa Luz para Todos. Isso mudaria a correlação de forças em prol dos “de dentro”, que, somada a futura chegada de programas sociais como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida iria contribuir para a permanência da população tradicional no lugar. Encontramos indícios, em uma última incursão em maio de 2018, que apesar de mudanças ocorridas, os nativos do lugar empoderaram-se.

## REFERÊNCIAS

BAHIATURSA. **Ponta do Corumbau**. Maio, 12. 2018. Disponível em: [https://www.google.com.br/h?q=bahiatursa+ponta+do+corumbau&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi-n\\_iArP\\_aAhWGjJAKHeu6ABOQsAQINQ&biw=1366&bih=662#imgrc=fzNHGoEteizCKM](https://www.google.com.br/h?q=bahiatursa+ponta+do+corumbau&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwi-n_iArP_aAhWGjJAKHeu6ABOQsAQINQ&biw=1366&bih=662#imgrc=fzNHGoEteizCKM):

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: Confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

CENTENO, R. R. **Metodología de la investigación aplicada al turismo**. México: Trillas, 1992.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia**. 8a ed. São Paulo: Centauro, 2003.

FINI, M. I. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: M. A. V. Bicudo; V. H. C. Esposito (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**: Um enfoque fenomenológico. Piracicaba SP: Editora UNIMEP, 1994.

GAMA, H. F. L. N. da. **Turismo e sustentabilidade**: Um olhar sociológico sobre os lugares Ponta do Corumbau, Brasil, e Havana, Cuba. Curitiba: Editora Collaborativa, 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1977.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LYOTARD, J. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1967.



MACHADO, O.V.M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: M. A. V. Bicudo; V. H. C. Esposito (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: Um enfoque fenomenológico**. Piracicaba SP: Editora UNIMEP, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1971.

MOLINA, S. **Conceptualización del turismo**. México: Limusa, 1991.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 8, 3, 12, 20, 29, 127, 131, 195, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 284, 285

Aracaju Walking Tour 123, 124, 131, 132

### B

Base de dados 78, 190, 205, 206

Big Data 8, 190, 191, 192, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210

### C

Cartografia 7, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 187, 188

Cibermusealização 6, 73, 76, 77, 82

Corumbau 8, 121, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 327

### D

Desenvolvimento Socioeconômico 38, 39, 42, 52

### E

Embratur 7, 24, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 193

Epistemologia 108, 109, 110, 262, 277, 305, 317

Espacialização 178, 181, 189, 324

Estâncias Turísticas 23, 24, 28, 31, 32, 34, 35

Estruturação dos destinos 38, 39, 51

Ética 9, 21, 49, 120, 121, 135, 137, 140, 141, 142, 263, 276

### F

Foz do Iguaçu 8, 190, 191, 192, 193, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210

Free Walking Tour 123, 124, 129, 130, 131, 133

### G

Gestão 3, 23, 25, 27, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 82, 111, 115, 119, 130, 150, 153, 154, 174, 175, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 187, 190, 192, 195, 196, 197, 199, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 231, 232, 236, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 266, 267, 270, 281, 286, 287, 288, 311, 315, 316, 319, 320

## H

Hospitalidade 7, 67, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 154, 175, 247, 248, 264, 271, 277, 296, 319, 320, 326

## I

Imaginário 3, 4, 21, 61, 95, 96, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 114, 116, 118, 119, 298, 301, 314, 319, 324, 326, 332, 340

Internet 78

## L

Legislação 23, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 38, 40, 41, 44, 47, 48, 51, 72, 140, 207, 211, 283, 321

Lei Geral do Turismo 6, 38, 39, 40, 41, 45, 47, 50, 54, 178

## M

Marketing turístico 7, 95, 96

Mulata Exportação 95, 103, 106

Mulher Brasileira 7, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 108

Musealização 78

Museologia 78

Museu da Pessoa 73, 77, 78, 79, 80, 83

Museu das Coisas Banais 73, 79, 80

Museu Virtual 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82

## O

Objeto museológico 6, 73, 74, 77, 78

## P

Patrimônio 78

Patrimônio Histórico 8, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 222, 226, 227, 228, 310

Pessoa com deficiência 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226

Planejamento Turístico 53, 54, 126, 129, 188, 278

Política Nacional de Turismo 6, 38, 40, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 53, 96, 97, 128, 193

Políticas públicas de turismo 23, 24, 25, 26, 30, 32, 35, 36, 44, 49, 51, 52, 108, 134, 202

Programa de Regionalização do Turismo 38, 39, 41, 49, 52, 128, 134

Progresso 8, 124, 133, 217, 247, 248, 249, 251, 258, 259, 261, 276

## R

Receita média 7, 152, 155, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Recursos Financeiros Turísticos 23

Resorts 7, 24, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Roteirização Turística 123, 126, 128, 134

## S

Sociologia 14, 70, 109, 110, 111, 112, 113, 121, 122, 319, 320, 326, 328, 329, 331, 337, 338, 339, 341, 342

Sustentabilidade 8, 38, 49, 52, 59, 118, 121, 126, 195, 232, 241, 246, 247, 249, 258, 261, 263, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 280, 281, 286, 327

## T

Taxa de ocupação 7, 152, 155, 156, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Teatro Amazonas 8, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 229

Tecnologia 6, 7, 83, 129, 146, 187, 190, 195, 196, 199, 207, 213, 288, 317, 325

Terrorismo 12, 136, 137, 145, 146, 147, 148, 150

Tolerância 130, 135, 136, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151

Trevpar 7, 152, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Turismo 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 12, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 157, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 220, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 271, 272, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 344

Turismo Comunitário 234, 236, 244, 245, 266, 267, 276

Turismo de Base Comunitária 8, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 263, 265, 266, 267, 268, 272, 276

Turismo de interesses especiais 6, 55, 56, 57, 59, 60, 68, 69

Turismo em áreas naturais 278

Turismo Rural 55, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 72, 241, 245, 246, 268, 273, 278, 284, 285, 286, 287, 290

Turismo Sustentável 8, 175, 195, 232, 249, 278, 279, 280, 282, 285, 286

Turismo Virtual 1, 2

Turista Híbrido 7, 109, 319

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021